

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO

Sirlei Rodrigues¹

Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier²

RESUMO

O presente estudo procura expor uma possível análise do livro “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago no que concerne a utilização de termos simbólicos. Procura-se pensar de que forma os elementos simbólicos presentes no livro contribuem para uma análise da obra sob um viés que ultrapassa uma única corrente crítica. Por exemplo, é possível, pelo estudo do simbólico, analisar aspectos culturais, sociais, políticos e estéticos de uma obra. Para tal, serão utilizados textos de autores com Jung, Nasser, Eliade, Mitford, Cassirer entre outros, propondo-se conceituar o que são símbolos e buscando-se evidenciar de que forma os mesmos aparecem nesta obra de Saramago.

Palavras-chave: Ensaio sobre a cegueira; Representações simbólicas.

ABSTRACT

The present work aims to expose a possible analysis of the book “Ensaio sobre a cegueira” written by José Saramago about the use of symbolically terms. It intends to think the way symbolically terms can give the opportunity to reflect the book in different manners, analyzing, for instance, cultural, social, politics and esthetics aspects. On that purpose, it will be used texts from authors such as Jung, Nasser, Eliade, Mitford, Cassirer and others, proposing to concept symbols and intending to evidence in what forms they appear in that Saramago’s book.

Key-words: Ensaio sobre a cegueira; Symbolic representations.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é o meio pelo qual, o ser humano, expressa seu pensamento de forma oral, escrita ou gestual e através da qual o mesmo estabelece interações de forma organizada. A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das

¹ Pós – graduanda em Letras: Linguagem e Sociedade – Olhares transversais pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Pato Branco. E-mail: sirlei_rdg@hotmail.com.

² Pós- doutor em estudos literários e professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Pato Branco. E-mail: rodrigoxavier@utfpr.edu.br.

palavras. Uma palavra vazia de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento despido de palavras permanece uma sombra (VIGOTSKY, 1989).

A linguagem é matéria do pensamento, da experiência e elemento próprio da comunicação social. Não sendo estática, ela se transforma durante as várias épocas e toma diferentes formas entre os diversos povos. (NASSER, 2004, p. 103)

Além disso, a linguagem humana é composta por uma variedade enorme de elementos que, por sua vez, possuem sentidos distintos dependendo da forma e contexto situacional em que são utilizados, sendo que novos sentidos são criados de acordo com as necessidades comunicativas. É o caso, por exemplo, dos símbolos, já que, “temos uma linguagem simbólica quando há um excesso de vida que necessita de uma expressão, mas ainda contém o desconhecido, ou melhor, o indizível. Mesmo havendo excesso de palavras, não se consegue expressar o que se quer, o que se sente. (NASSER, 2004, p.18).

Sendo assim, muitas vezes, alguns termos são usados de maneira que expressam muito mais do que se pode constatar numa primeira leitura, ou sem que se reflita a respeito dos mesmos. Pois lado a lado com a linguagem conceitual, existe uma linguagem emocional; lado a lado com a linguagem científica ou lógica, existe uma linguagem da imaginação poética. (CASSIRER, 1994, p.02)

Por isso, neste trabalho, propõe-se a análise do livro “Ensaio sobre a cegueira” do escritor português José Saramago, buscando pensar se alguns dos elementos presentes no mesmo relacionam-se a seus sentidos simbólicos ou se há, ainda, outros sentidos possíveis. Vale salientar que não se pretende afirmar que o autor tenha escrito o livro com intenção de utilizar os sentidos simbólicos, mas tenta-se demonstrar uma possível interpretação para a obra a partir deles. Para tanto, utilizar-se-á além do livro “Ensaio sobre a cegueira”, conceitos presentes em obras de escritores como Jung, Nasser, Eliade, Mitford, Cassirer e outros autores que escrevem a respeito de símbolos. Iniciar-se-á com uma tentativa de conceituação de símbolo, seguida de uma possível análise da presença de símbolos no livro acima citado.

2 CONCEITUAÇÃO DE SÍMBOLO

O ser humano, para a concretização de sua comunicação, utiliza-se de recursos variados que tornam sua linguagem rica e complexa. Muitas vezes, os mesmos termos são utilizados em diversas situações com significados diferentes em cada uma, ou ainda, há

vocábulos ou expressões que são utilizados para representar aquilo que não se consegue expressar de outra maneira, indo muito além de seu sentido convencional.

Dessa forma surge o que se convencionou chamar de símbolo, sendo que há duas maneiras diferentes de conceituá-lo: uma que o vê como signo e outra que o coloca como algo transcendental.

Peirce (2005, p. 72), por exemplo, define símbolo como “um signo convencional ou um signo que depende de um hábito (adquirido ou nato)”. Nesse mesmo sentido, Bakhtin (2014. P. 31) afirma que:

Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, da simbolização do princípio de inércia e de necessidade na natureza (determinismo) por um determinado objeto único. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.

Já Cassirer (2010, p.05) afirma que os símbolos não podem ser reduzidos a sinais, já que não são restritos aos aspectos físicos, abrangendo aspectos semânticos:

Sinais e símbolos pertencem a dois universos diferentes de discurso: um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo faz parte do mundo humano do significado. Os sinais são “operadores” e os símbolos são “designadores”. Os sinais, mesmo quando entendidos e usados como tais, tem mesmo assim uma espécie de ser físico ou substancial; o símbolo tem apenas um valor funcional.

Jung (2008, p. 16) define símbolo pensando em sua dimensão espiritual para ele símbolo “é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós”.

Lurker (1997, p. 656 apud Ribeiro 2010, p. 56-57), afirma que o símbolo “é um sinal visível de algo que não se encontra ali presente de forma concreta, algo que pode ser nele percebido”. Ou seja, o símbolo não é algo palpável, mas sim aquilo que está escondido, subentendido. Ainda, de acordo com D’Alviella (1995, p. 21 apud Ribeiro, 2010, p. 47):

O termo “símbolo” passou gradualmente a se referir a tudo aquilo que, seja por acordo geral ou analogia, representava convencionalmente alguma coisa ou alguém. Um símbolo é uma representação, mas não uma reprodução. Enquanto uma reprodução implica igualdade, um símbolo é capaz de evocar

a concepção do objeto que ele representa devido, por exemplo, a características em comum, como é o caso da aliança, símbolo do casamento, ou dos pratos de uma balança, símbolo da ideia de justiça.

Isto é, um símbolo indica por meio de determinados atributos outro elemento, sem necessariamente ser idêntico a ele. A respeito do por que da existência e utilização de símbolos Jung (2008, p. 16-17) escreve:

Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. [...] Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente.

Nasser (2004, p.101) expõe que o símbolo surge como forma de superação de dificuldades na comunicação, quando não se encontram recursos na linguagem já existente, criam-se os símbolos:

A necessidade que o homem tem de expressar-se é mais forte que o nome das coisas. Vai além delas. Ao expressar-se, o ser humano expõe seus valores, suas crenças, suas ideias, enfim, relaciona-se com o outro. O recurso ao símbolo amplia o sentido – significado e direção – da mensagem, respondendo ao excesso do ser humano, quando transborda a si mesmo.

Eliade (1979, p. 13) afirma que os símbolos não surgem aleatoriamente, pelo contrário, passam a existir para cumprir uma determinada função e mostrar certos pontos da realidade:

O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser.

Além disso, de acordo com Mitford (1997, p. 09) “aunque ciertas imágenes se consideren simbólicas en diferentes sociedades, el significado de una imagen concreta puede *variar* de un lugar a otro y con el paso del tiempo”. Ou seja, o símbolo não é algo concreto,

mas sim variável espacialmente, temporalmente ou de acordo com o uso e a interpretação que se faz dele.

Um símbolo, uma vez existindo, espalha-se entre as pessoas. No uso e na prática seu significado cresce. Palavras como *força*, *lei*, *riqueza*, *casamento*, veiculam-nos significados bem distintos dos veiculados para nossos antepassados. (Peirce, 2005, p.73-74).

Resumindo, símbolos são elementos representativos cujo significado está muito além do comumente utilizado, sendo abstrato e variável e desempenhando papel importante na realização e compreensão da linguagem humana, já que sem eles “a vida do homem ficaria confinada aos limites de suas necessidades biológicas e seus interesses práticos; não teria acesso ao “mundo ideal” que lhe é aberto em diferentes aspectos pela religião, pela arte, pela filosofia e pela ciência”. (CASSIRER, 1994, p.10)

3 PALAVRAS E ACONTECIMENTOS SIMBÓLICOS EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Em um dia comum, de uma cidade que não sabe nem o nome e nem a localização, em um semáforo qualquer, inicia-se o romance “Ensaio sobre a cegueira” (1995), de José Saramago. Repentinamente, a primeira personagem que aparece, percebe-se cega. O mesmo, aos poucos, vai acontecendo com outras pessoas da cidade. Contrária à cegueira normal, que faz a pessoa “ver” tudo negro, nesta cegueira incomum, as personagens sentem-se como mergulhadas em um mar de leite, já que tudo é extremamente branco.

A atitude do governo, diante da situação inexplicável, é isolar os contaminados e aqueles que com eles tiveram contato. O primeiro local para o qual são levados é um manicômio desativado, no qual algumas pessoas acabam formando um grupo composto por um médico oftalmologista, sua mulher (a única que durante toda a história permanece enxergando), uma rapariga de óculos escuros, um rapazinho estrábico, um velho com uma venda preta, o primeiro cego e a mulher dele, os quais juntos, guiados pela mulher do médico, passarão por muitas dificuldades dentro e fora do manicômio, até que consigam, finalmente, recuperar a visão.

Em meio ao que acontece a esse grupo de pessoas, é possível perceber alguns elementos que se repetem e que podem trazer um sentido maior do que aquele que está explícito podendo ser considerados assim como símbolos.

3. 1 A CEGUEIRA E A COR BRANCA

O primeiro elemento que pode ser analisado como símbolo, é a própria cegueira, pois fica claro que não se trata da doença comum, mas de algo que vai muito além. Segundo Biedermann (1994, p. 83) a cegueira simboliza, ao mesmo tempo, ignorância, deslumbramento, imparcialidade e abandono ao destino.

Podemos perceber que os personagens de “Ensaio sobre a cegueira”, vivem em uma sociedade que, ainda que não identificada, se parece com a que temos atualmente, na qual muitos, ainda que tenham acesso a muitas informações, não possuem conhecimento, tornando-se, portanto, ignorantes.

Ao mesmo tempo, nota-se também que muitos devido ao sistema econômico vigente (capitalismo), estão tão interessados em bens materiais que se tornam deslumbrados, alienados e, assim, “com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 2004, p. 80). A cegueira seria, portanto, não algo físico, mas sim comportamental, ou seja, as pessoas estão tão alheias ao verdadeiro conhecimento e fascinadas com coisas materiais que já não veem o que de fato interessa.

Ainda, pode-se considerar a simbologia da cor branca, já que a cegueira em questão é descrita como um “mal branco”, uma vez que os contaminados por ela dizem sentir como se uma luz muito forte estivesse acessa diante de seus olhos. Mitford (1997, p. 110), descreve a simbologia da cor branca da seguinte forma:

El blanco simboliza la pureza y la perfección, así como lo absoluto. Es el color más asociado con todo lo sagrado; los animales para el sacrificio so lían ser blancos. En el mundo occidental, las novias se visten de blanco, sin embargo en muchos países asiáticos es el color del luto .También se cree que los espíritus y los fantasmas son blancos, ya que es un color que no oculta nada. Una bandera blanca señala la paz.

Percebe-se que a cor branca simbolicamente está relacionada a coisas positivas e negativas, que nada parecem ter a ver com o enredo de “Ensaio sobre a cegueira”, porém, outra ideia que se tem é de que o branco simboliza a luz, no caso do livro em questão o branco poderia representar o excesso de luz, e não só disso, mas o excesso de tudo: de informação, de tecnologia, de trabalho, de ambição, excesso de tudo que faz as pessoas “cegarem” para as coisas que são realmente importantes na vida.

Dessa forma, pode-se pensar que tanto a cegueira, quanto a brancura dela, são simbólicas, pois o que se tem na verdade não são pessoas com uma doença que não as permite de fato ver, mas sim homens e mulheres que deixaram de perceber as coisas por se deixarem corromper por um sistema social que os faz buscar ansiosamente e inescrupulosamente lucros, deixando de considerar aspectos emocionais e sociais vitais para seu desenvolvimento enquanto seres humanos.

3.2 O FOGO

Depois de muito sofrimento, o grupo de cegos e a mulher do médico conseguiram finalmente sair do manicômio em que estavam, quando o mesmo foi incendiado. O fogo rapidamente tomou conta matando muitos cegos e destruindo completamente o local.

Nesse caso, consegue-se perceber que o fogo traz morte e destruição, mas ao mesmo tempo marca uma ruptura com o passado de sofrimento que os cegos ali viviam propiciando a oportunidade de tentarem novas condições de vida em outro ambiente. Isso remete ao significado simbólico do fogo que segundo Mitford (1997, p. 39):

Junto con el sol, resulta purificador, destructivo y revelador. Significa poder espiritual)" sacrificio, y tiene un rol importante *en* muchos rituales)" religiones de todo el mundo, la estatua de la Libertad con su corona de rayos solares se encuentra a la entrada del puerto de Nueva York. Con su brazo derecho alzado sujeta una antorcha encendida, símbolo de la seguridad y de la firmeza, la llama era un rayo de esperanza para los emigrantes que llegaban al puerto.

O fogo representa, portanto, o fim do que havia e a esperança de recomeçar, ainda que haja muito medo, já que estando todos (ou quase todos) cegos, não sabem o que fazer.

Diz-se a um cego, Estás livre, abre-se-lhe a porta que o separava do mundo, Vai, estás livre, tornamos a dizer-lhe, e ele não vai, ficou ali parado no meio da rua, ele e os outros, estão assustados, não sabem para onde ir, é que não há comparação entre viver num labirinto racional, como é, por definição, um manicómio, e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade, onde a memória para nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para lá chegar. Postados diante do edifício que já arde de uma ponta à outra, os cegos sentem na cara as ondas vivas do calor do incêndio, recebem-nas como algo que de certo modo os resguarda, tal como as paredes tinham sido antes, ao mesmo tempo, prisão e segurança. Mantêm-se juntos, apertados uns contra os outros, como um rebanho, nenhum deles quer ser a ovelha perdida porque de antemão sabem que nenhum pastor os irá procurar. (SARAMAGO, 1995, p. 211)

Nesse trecho do livro, nota-se que o manicómio, ainda que descrito como labiríntico, e mesmo tendo sido local de tanto sofrimento, já simbolizava para os que ali viveram segurança e mostra que as pessoas muitas vezes preferem situações difíceis, mas que as mantenham-nas em uma zona de conforto, na qual tudo está organizado e não é necessário buscar nada, a se aventurar no desconhecido.

3.3 A CASA

Depois do incêndio, logo que amanhece o grupo de cegos guiados pela mulher do médico saem do local que antes era o manicómio e que agora é apenas um amontoado de escombros. Decidem, então, que com o auxílio da mulher do médico tentarão voltar as suas casas, começando pela da Rapariga de óculos escuros que é a mais próxima, depois pela do primeiro cego e sua mulher e, por fim, a do médico e sua esposa. Não irão à casa do Velho da venda preta, pois era apenas um quarto, nem a do Menino estrábico, pois ele não se lembra de onde fica.

É compreensível que depois de tantas provações que tiveram que suportar, os personagens queiram retornar as suas casas, já que a mesma é considerada como o centro do mundo e de nós mesmos, além disso, representa a segurança, o conforto e remete ao passado:

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam às lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de

felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 2008, P. 201)

Dessa maneira, os cegos e a mulher do médico diante da situação de aflição que vivem pensam na casa que tinham como um lugar bom, onde eram felizes e se sentiam confortáveis e protegidos, sendo, portanto, tudo que eles necessitam no momento. Além disso, precisam de um objetivo a seguir, já que de alguma forma precisam se reorganizar para sobreviver.

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. (BACHELARD, 2008, P. 201)

O grupo perceberá depois que diante da falta de visão a casa perdeu seu sentido, pois o que prevalece no momento é a necessidade de sobrevivência, de encontrar água e alimentos, assim, os cegos vão de um lugar para o outro, sem se fixar. Porém, este grupo, possuindo ainda uma pessoa que enxerga, consegue chegar à casa do médico e de sua esposa, que passa a ser um novo lar para todos eles.

3.4 A ÁGUA

No decorrer da história de “Ensaio sobre a cegueira”, é possível perceber a deterioração de todos os espaços, já que estando praticamente todos cegos, já não há quem realize os trabalhos de limpeza, além disso, os próprios cegos já não se importam e passam a fazer suas necessidades em qualquer lugar. Além disso, há também a degradação dos sujeitos que passam a se comportar como animais em inúmeras situações.

Assim, a imundície toma conta física, psicológica e moralmente, fazendo com que se perca o sentido de tudo, ou praticamente tudo, dessa forma, a água passa a ter para os personagens um sentido muito além do comum, de líquido que serve para saciar a sede, passa

a ter um valor simbólico que de acordo com Mitford (1997, p. 52) é de vida, de pureza. Depois de já estar novamente em casa à mulher do médico, percebendo que está chovendo, decide que é hora de livrar-se um pouco ao menos da sujeidade que os cerca em todos os sentidos:

Agora teria água para lavar as roupas imundas, os sapatos nojentos, Que não pare, que esta chuva não pare, murmurava enquanto buscava na cozinha os sabões, os detergentes, os esfregões, tudo o que pudesse servir para limpar um pouco, ao menos um pouco, esta sujeidade insuportável da alma. Do corpo, disse, como para corrigir o metafísico pensamento, depois acrescentou, É o mesmo. Então, como se só essa tivesse de ser a conclusão inevitável, a conciliação harmónica entre o que tinha dito e o que tinha pensado, despiu de golpe a bata molhada, e, nua, recebendo no corpo, umas vezes a carícia, outras vezes a vergastada da chuva, pôs-se a lavar as roupas, ao mesmo tempo que a si própria. (SARAMAGO, 1995, p. 265).

Em outro momento, todos do grupo reúnem-se em volta da mesa para tomar água e o fazem de forma tão cerimoniosa e com tanto sentimento que claramente nota-se que aquilo não era um simples saciar de uma necessidade física, mas sim algo muito mais espiritual, uma busca por renovação, ou a esperança de que a vida ainda é possível em meio a tanta sujeira.

Vamos todos beber água pura, ponho os nossos melhores copos na mesa e vamos beber água pura. Agarrou desta vez na candeia e foi à cozinha, voltou com o garrafão, a luz entrava por ele, fazia cintilar a joia que tinha dentro. Colocou-o sobre a mesa, foi buscar os copos, os melhores que tinham, de cristal finíssimo, depois, lentamente, como se estivesse a officiar um rito, encheu-os. No fim, disse, Bebamos. As mãos cegas procuraram e encontraram os copos, levantaram-nos tremendo. Bebamos, repetiu a mulher do médico. No centro da mesa, a candeia era como um sol rodeado de astros brilhantes. Quando os copos foram pousados, a rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta estavam a chorar. (SARAMAGO, 1995, p. 264).

3.5 O CÃO DAS LÁGRIMAS

A mulher do médico sendo o único ser humano que não fora atingido pelo mal branco, vive uma situação extremamente difícil, pois sente-se responsável não somente por ela mesma, mas pelo marido e os demais do grupo que se formou. Além disso, ela acaba presenciando cenas inimagináveis em outros contextos que a fazem algumas vezes desejar estar cega, ou mesmo morrer para se livrar da agonia, como quando vê um homem já morto, sendo devorado por uma matilha de cães.

Mantém-se a maior parte do tempo forte, mas é claro que algumas vezes ela sucumbe e chora e é num desses momentos que ela é consolada por um cão, ao qual ela chamará Cão das Lágrimas.

Não há dúvida, está perdida. Deu uma volta, deu outra, já não reconhece nem as ruas nem os nomes delas, então, desesperada, deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodaram-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. (SARAMAGO, 1995, p. 226).

Nesse momento de desamparo a mulher do médico encontra no cão o apoio que ela precisa e pode se dizer que nesse momento e a partir de então o cachorro passa a cumprir seu papel simbólico que é de fidelidade, lealdade, proteção, obediência e amor para com seu dono.

Porém pode se dizer que a representação do cão vai além, pode se observar uma semelhança entre o mesmo com a mulher que passa a ser a sua dona, pois enquanto os outros cachorros passam a viver sem regras, liberando seus piores instintos e entregando-se a podridão, o Cão das Lágrimas deixa de lado a questão da simples sobrevivência para manifestar afeto e preocupação com outro ser, ainda que isso possa lhe ser prejudicial em algum momento:

O cão das lágrimas anda a farejar inquieto, demorou-se a pesquisar um certo monte de lixo, provavelmente havia escondido debaixo dele uma supina iguaria que agora não consegue encontrar, se estivesse sozinho não arredaria pé, mas a mulher que chorou já lá vai adiante, é seu dever ir atrás dela, nunca se sabe se não ter que enxugar outras lágrimas. [...] O cão das lágrimas aproxima-se, mas a morte intimida-o, ainda dá dois passos, de súbito o pêlo encrespou-se-lhe, um uivo lacerante saiu-lhe da garganta, o mal deste cão foi ter-se chegado tanto aos humanos, vai acabar por sofrer como eles. (SARAMAGO, 1995, p. 295).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem humana ainda que composta de inúmeros vocábulos, muitas vezes precisa ir além e encontrar diferentes formas para expressar aquilo que se quer dizer e não se

sabe ao certo como. É assim que surge a linguagem simbólica, na qual certas palavras ou expressões fogem de seus significados concretos e remetem a sentidos mais amplos, abstratos e, muitas vezes, ocultos. Assim, a comunicação é enriquecida e amplia os sentidos que podem ser dados às diferentes formas de expressão existentes.

É o que se pode perceber na história do livro “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago, na qual diversos elementos como a cegueira, a cor branca, o fogo, a casa, a água e o cão das lágrimas, podem ser entendidos como representação do excesso, da destruição, do conforto, da esperança do recomeço e dos bons sentimentos, ou ainda, podem remeter a outros sentidos que não foram citados nesse trabalho e que podem servir de base para trabalhos posteriores, já que sendo o símbolo ao mesmo tempo universal e variável, ele pode expressar o mesmo sentido em várias línguas, ou pode ser expresso em termos totalmente diversos, mesmo dentro de uma mesma língua (CASSIRER, 1994, p. 08).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Traduzido por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BIEDERMANN, Hans. **Cegueira**. Disponível em <http://www.stf.gov.br/institucional/obras/obras.asp?psObra=FESC>. Acessado em 01/05/2015.

Cassirer, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana**. Ed: Martins Fontes, São Paulo. 1994.

D’ALVIELLA, Conde Globet. A migração dos símbolos. In RIBEIRO Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Revista Estudos Semióticos, v. 6, n. 1, p. 46-53 - Junho de 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Tradução de Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa, Arcádia, 1979.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LURKER, Manfred 1997. Dicionário de simbologia. In RIBEIRO Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Revista Estudos Semióticos, v. 6, n. 1, p. 46-53 - Junho de 2010.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MITFORD, Miranda-Bruce. **El libro ilustrado de Signos y Símbolos**. México: Editorial Diana, 1997.

NASSER, Maria Celina de Q. Carrera 2004. **A linguagem simbólica como ponte**. In: Revista Ciências da religião – História e sociedade, v.2, n. 2, p. 95-114, 2004.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.